

Roubada

Depois que a filha foi levada por dois amigos em quem confiava, Delores Cyster nunca deixou de procurá-la nem de buscar explicações

POR GLYNIS HORNING

FOTO: CORTESIA DE DELORES CYSTER



Delores Cyster estava de bom humor ao voltar para casa após um dia duro de trabalho. Era 10 de julho de 1993, seu 29º aniversário, e, na região de Cape Flats, onde venta bastante, fazia um calor incomum naquele inverno. Ela estava cansada depois de um turno de nove horas soldando facas de açougueiro na área industrial de Epping na Cidade do Cabo, África do Sul, mas naquela tarde ensolarada de sábado seus pensamentos se voltavam para a comemoração que planejara com a família.

A jovem mãe grávida e o marido, Eric, tinham decidido dar uma festa para os quatro filhos, Wayne, Samantha, Waylene e a pequena Johnnica. Enquanto vinha andando do ponto de táxi, Delores imaginava a empolgação dos três filhos mais velhos que ajudavam a avó com os preparativos na casinha em Mitchells Plain. Antes ela teria de buscar a pequena Johnnica com o casal que cuidava dela quando os turnos terminavam tarde, como acontecera durante cinco dias seguidos naquela semana.

“Oi, Johanna! Oi, Philip!”, gritou com alegria ao bater à porta da frente. Johanna Ambraal era uma das amigas mais íntimas de Delores, uma mulher esguia, envolvente e maternal, sete anos mais velha, com quem a própria Delores morara durante uma época difícil do casamento. Uns sete anos antes, Philip fora seu colega de trabalho e Delores o via todos os dias até que ele fora demitido e se tornara motorista de caminhão.

Como ninguém atendeu, Delores

bateu com mais força. Logo a alegria deu lugar à impaciência. Em seguida, à preocupação. E, após dar várias voltas na casa, batendo em portas e janelas, veio a chocante incredulidade.

Finalmente, o barulho atraiu um vizinho.

– Os Ambraals foram embora – disse ele. – Fizeram as malas e partiram na quarta-feira. Não deixaram nenhum endereço.

– Mas eles estão com a minha filha! – gritou Delores. – Onde está a minha filha? Onde está Johnnica?

Situado nos arredores da Cidade do Cabo, Mitchells Plain é um dos maiores distritos negros da África do Sul, um lugar onde o tráfico de drogas e o banditismo são intensos – mas também onde reina o espírito comunitário. A família e os amigos de Delores começaram a busca imediatamente, e o grupo aumentou conforme vasculhavam centros comunitários, lojas e clínicas à procura dos Ambraals.

A única pista era o vizinho. Ele se lembrava de ter ouvido dizer que iam para o distrito de Manenberg, ali perto, e depois para Port Elizabeth, cidade litorânea a 750 km de distância. Não havia sinal deles em Manenberg, mas Delores sabia que Philip tinha uma irmã, Mimi, em Port Elizabeth. Ligou para ela, mas Mimi lhe disse que, para ela, o casal ainda estava na Cidade do Cabo.

Por serem os Ambraals amigos chegados, Delores não queria envolver a polícia. Aquela não era uma comunidade que recorresse facilmente

à polícia, e, de qualquer modo, ela estava certa de que haveria uma boa explicação para o sumiço. Mas, enquanto se acumulavam as noites sem dormir, Delores começou a ceder. Eric também estava preocupado demais, e a dolorosa perda de Johnnica começava a prejudicar sua saúde. Nove dias depois do desaparecimento da menina, a família levou o incidente à polícia. Os Ambraals podiam ter sido amigos, mas sequestrar Johnnica era crime.

Todo ano a polícia recebe queixa do desaparecimento de até 1.700 crianças, cerca de quatro por dia, de

Semana após semana, Delores ligava para a delegacia de polícia atrás de notícias, e rezava sem parar. Erguia os olhos para o céu enquanto se dirigia ao trabalho, ou andava inquieta noite adentro e pedia: “Senhor, traga a minha filha para casa e a guarde em segurança.”

Nas noites mais difíceis, ela imaginava que Johnnica fora vendida a estranhos, pedófilos ou traficantes, ou morta para proteger os sequestradores. Mas, por mais inexplicáveis e desprezíveis que fossem os atos dos Ambraals, ela não conseguia imaginar que fizessem mal a uma crian-

Semana após semana, Delores ligava para a polícia atrás de notícias, e rezava sem parar.

acordo com o tenente-coronel Stephanus van Deventer, do Setor de Desaparecidos do Serviço Policial sul-africano. A maioria é encontrada no decorrer de um ano.

Segundo a entidade Missing Children South Africa (MCSA, Crianças Desaparecidas da África do Sul), 87% dos casos de desaparecimento comunicados entre 1º de dezembro de 2010 e 30 de novembro do ano passado foram resolvidos. “Assim como as famílias, nunca perdemos a esperança de que as crianças ainda sumidas sejam encontradas com vida”, diz Judy Olivier, coordenadora nacional da MCSA.

ça de quem cuidavam regularmente como se fosse deles mesmo. Philip tivera filhos de um relacionamento anterior, mas Johanna Ambraal não podia engravidar. Talvez tivesse sido o amor, raciocinava Delores, que os levara a sumir com sua filha – simplesmente gostavam tanto dela que a queriam para si.

Delores expulsou os outros pensamentos e se concentrou neste: Johnnica ainda vivia e voltaria a ser dela. Os pais achavam que a chegada do bebê aliviaria sua dor, mas, por mais que amassem o novo filho, Morné, nada substituía Johnnica.

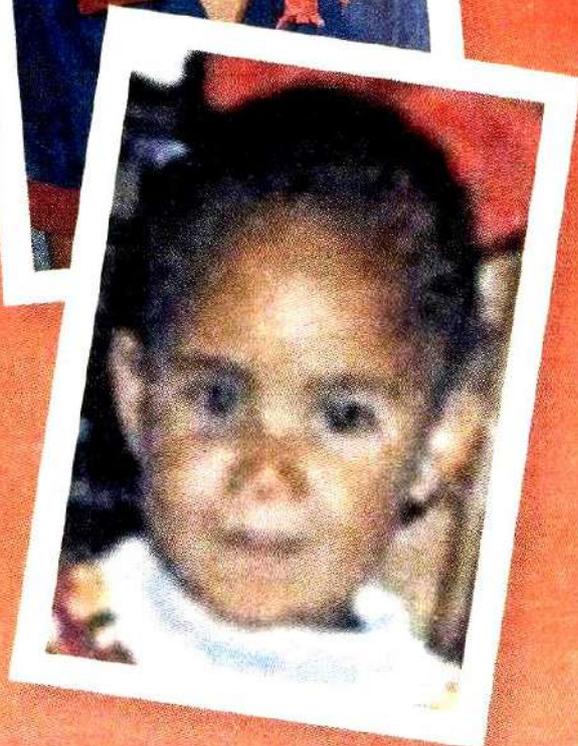
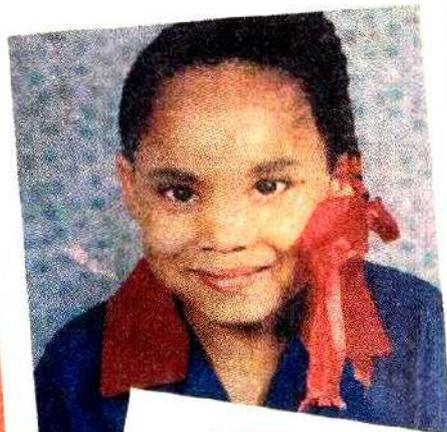
Uma centelha de esperança surgiu

em junho de 1996, quando Delores economizou o suficiente do modesto salário para pagar a gasolina da viagem até Port Elizabeth. Ela e duas irmãs se amontoaram no velho Mazda azul do cunhado e ele dirigiu durante a noite toda para visitarem Mimi Ambraal.

Valeu a pena: Mimi disse que o irmão morava com uma menininha em algum ponto da metrópole de Johannesburgo, a 1.400 km da casa de Delores na Cidade do Cabo. Mimi chegou a mostrar uma foto desfocada de uma criança de 5 ou 6 anos. Delores reconheceu Johnnica, e a alegria se misturou à raiva e ao pesar: a filha estava viva, mas crescia sem ela. A mãe segurou a foto junto ao coração enquanto voltavam para casa.

Delores passou a informação à polícia e redobrou as orações. Apesar da boa notícia de que Johnnica estava viva, já tinham se passado anos desde que perdera a filha, e o estresse cobrava o seu preço. A preocupação constante a fizera emagrecer demais e, no fim de 1997, ela sofreu um colapso nervoso. Delores buscou tratamento no Lentegeur, o hospital psiquiátrico de Mitchells Plain, onde, durante semanas, recebeu ajuda para lidar com a tristeza.

Poucos meses depois, a tragédia voltou a atingir a família. Em fevereiro de 1998, Eric, o marido de Delores, morreu num acidente de táxi. O que a manteve viva foi o apoio que recebeu da mãe e de Alfonso, um amigo da família, e a ideia de que tinha de melhorar para encontrar a filha desaparecida e cuidar dos outros filhos.



No alto: Johnnica no 3º ano, quando morava com os Ambraals. Acima: a foto fora de foco que Mimi deu a Delores três anos depois do desaparecimento.

A alegria se misturou à raiva e ao pesar e ela segurou a foto junto ao coração na volta para casa.

Com o passar do tempo, Delores e Alfonso ficaram mais íntimos e se casaram em 2000. Seguiram-se duas lindas meninas, Krislyn e Kristan. Delores sentava-se para trançar o cabelo delas, como fizera com Johnnica, e as lágrimas corriam. Naquele ano, ela entrou em contato com a Concerned Parents of Missing Children (CPMC, Pais Preocupados de Crianças Desaparecidas) e pediu ajuda a Michael Ohlsson e sua mulher, Michelle, que dirigiam a entidade. Sete anos tinham se passado desde o sumiço de Johnnica, e Delores estava desesperada para saber o que vinha sendo feito para encontrar sua filha.

Michael e Michelle, orientadora voluntária de traumatizados, ainda procuravam o próprio filho, Matthew, sumido havia 15 anos. Eles estimularam Delores a manter a esperança. Assim, 18 anos depois, em setembro do ano passado, em vez de fazer a visita de sempre à delegacia de Mitchells Plain, Delores andou mais um quilômetro até o desolador prédio cinza da Unidade de Violência Familiar, Crimes Sexuais e Proteção à Criança e lhes contou a sua história.

Em dezembro, sem notícias, Delores voltou lá. Enquanto falava com um policial no corredor, outro agente, Nicholas Du Plessis, ouviu a história. Comovido, Du Plessis se ofereceu para investigar. O policial grisalho seguiu antigas pistas, começando pela conversa com Mimi.

A polícia foi à casa de Mimi perguntar sobre Philip. Ela lhes contou que o

irmão e sua mulher tinham morrido: Johanna naquele ano, ele cinco anos antes. Mas Johnnica estava viva, disse Mimi, e morava em Port Elizabeth com dois filhos pequenos. Com uma investigação de apenas duas semanas, um mistério de quase duas décadas se resolvia.

Du Plessis ligou para Delores.

– Tenho boas e más notícias – disse ele.

– Não me diga que Johnnica morreu! – Delores quase ficou sufocada de angústia.

– Ela está bem – disse ele para tranquilizá-la.

Delores gritou e caiu em lágrimas, totalmente aliviada.

– Mas a má notícia é que os sequestradores da sua filha morreram e não podem ser processados. – Ele inspirou fundo de novo. – Tenho mais boas notícias. A senhora também tem dois netos!

Numa noite quente de verão, na última semana de janeiro deste ano, Delores, trêmula e cercada pela família na casa de quatro cômodos, sentou-se na poltrona de veludo marrom e deu o telefonema com que sonhava havia muito tempo:

– Olá, Johnnica – disse, lutando para controlar a voz. – Quem fala é sua mãe!

Do outro lado da linha, Johnnica Bailey (ou “Johnnica Senoné Ambraal”, como era chamada pelo casal, que também usava com frequência os apelidos “Senoné” e “Micky”) simplesmente não conseguiu acreditar no que ouvia. Ela crescera acreditando



A partir da esquerda, em sentido horário: Johnnica com o filho Kezian ao lado dos irmãos que não conhecia, Morné e Krislyn; a casa de Delores e Alfonso em Mitchells Plain; Alfonso com a neta Keshia.

que os Ambraals eram seus pais. Ela podia chamá-los de “Hanna” e “Philip” e não de “mamãe” e “papai”, mas achava que era por não morar com eles. Como ambos trabalhavam, ela ficava com Jennifer, a irmã mais nova de Philip, e o marido.

Johnnica achava que Jennifer era sua tia e gostava de ficar com ela, ajudando nas tarefas domésticas depois da escola ou brincando com amigos no pequeno quintal da casa em Port Elizabeth.

Jennifer, Johanna e Philip não eram muito pródigos em demonstrações de afeto, mas Johnnica sabia que a amavam, e eles a criaram com bons valores e a levavam todo domingo à igreja católica. Ela chegou a viajar com o coral e, aos 15 anos, cantara na igreja de Mitchells Plain, a poucos quarteirões da casa de Delores.

Em 2006, Johanna e Philip se mudaram para a casinha de Jennifer, porque Philip estava com câncer. Muito



triste, Johnnica, então com 16 anos, ajudou a cuidar dele e a trocar os curativos das feridas gangrenosas até que ele morreu.

Quando se apaixonou e engravidou, Johnnica temeu a reação da família. Jennifer, chocada, a censurou e a expulsou de casa, mas logo cedeu e a aceitou de volta antes do nascimento do filho Kezian, agora com quase 4 anos. Ela aceitou o relacionamento de Johnnica com o rapaz, empreiteiro de obras, e dois anos depois veio a segunda filha, Keshia.

Em certa manhã de 2010, Johnnica estava no hospital com Kezian quando recebeu um telefonema arrasador: Jennifer sofrera um infarto. Um ano depois, Johnnica ainda se recuperava da morte dela quando Johanna também adoeceu.

Sem a presença de Jennifer, o fardo de cuidadora caiu principalmente sobre os ombros magros de Johnnica, que estava presente quando Johanna morreu no ano passado, também de câncer. Com a morte do último parente mais próximo e já separada do pai de seus filhos, Johnnica foi morar com um filho de Philip e sua mulher.

Nem mesmo no leito de morte Philip, Johanna e Jennifer disseram a Johnnica uma única palavra sobre o passado. Então, celebrando com os familiares o Natal de 2011, ela teve a primeira dica de que aquela família não era o que parecia.

“Você não é filha de verdade de Johanna”, disse-lhe a nora de Philip. “Sua mãe a abandonou no hospital quando nasceu porque você era *kroes*.”

(Ou seja, tinha cabelo crespo, que indicava ascendência africana negra, um insulto para alguns na comunidade.)

Johnnica atribuiu aquele comentário à bebida e continuou sem acreditar quando ela telefonou 15 dias depois e lhe disse: “Sua verdadeira mãe está procurando por você.”

Em 26 de janeiro, quando veio o telefonema choroso de Delores, Johnnica ficou chocada, mas ainda tinha dúvidas. Foram necessários telefonemas da polícia para convencê-la da verdade e vários outros de Delores para convencê-la a “voltar para casa”. Finalmente, Delores ligou o viva-voz do telefone para que Johnnica pudesse escutar os irmãos e irmãs amontoados em torno dela.

– Vocês me querem aí na Cidade do Cabo? – perguntou Johnnica, trêmula.

– Queremos! – gritaram os irmãos.
– Queremos!

Delores juntou as economias do seu trabalho numa lanchonete e as enviou a Johnnica para pagar a viagem de Port Elizabeth. Em 2 de fevereiro, a família se reuniu na sala de estar enfeitada com bandeirolas de boas-vindas e dividiu pratos comemorativos de *koeksister* [roscas trançadas] enquanto esperavam. O táxi deixou Johnnica na delegacia de polícia de Mitchells Plain, e ela e os filhos, que estavam dormindo, foram levados até lá às duas horas da madrugada por uma caminhonete da polícia.

O susto momentâneo de Delores se transformou em prazer quando a porta se abriu e ela os viu.



Reunidas após quase duas décadas: Delores e Johnnica.

“A minha filha está aqui! Vejam, a minha filha está aqui!”, gritou, pegando Kezian no colo e correndo com ele até Alfonso. O menino de 3 anos se parecia mais com a filha desaparecida do que a moça tímida de 21 que descia da caminhonete com outro bebê no colo.

Delores levou vários minutos até correr para onde Johnnica se sentara em silêncio, espantadíssima com as boas-vindas dos irmãos. Delores apertou a filha em seus grandes braços e a primeira torrente de lágrimas e palavras começou a fluir.

Conversaram até as seis da manhã, quando Delores levou Johnnica até o quatinho preparado para ela, com paredes muito brancas e roupa de ca-

ma de bichinhos, e ficou olhando para ela enquanto dormia.

Agora virá a parte mais difícil. “O primeiro encontro com um filho desaparecido inicia um período de lua de mel”, diz Michelle Ohlsson, do grupo CPMC. “Depois, pais e filho têm de conciliar os sonhos e expectativas com a realidade. Quando ficam separados durante 19 anos, com o filho criado e educado por outras pessoas, é preciso procurar um terreno em comum e, aos poucos, fazer concessões e conseguir a aceitação.”

É compreensível que Delores esteja furiosa com os Ambraals. “Eu fico doente ao pensar em todos os anos em que eles me mantiveram longe da minha filha”, diz ela sem meias palavras.

Johnnica também se alterna entre o ressentimento e a sensação de que o sequestro por parte de Johanna e Philip foi movido pela afeição. “Eles foram bons para mim”, diz, baixinho. “A vida que tive com eles foi a única que conheci e não foi ruim. Não a lamento. Se não tivessem me levado, eu não teria os meus filhos.”

Os três agora moram com Delores, e ela cobre o rosto redondo e expressivo com um lenço e dá um suspiro profundo. “Johnnica é uma moça tranquila, e, quando seu olhar entristece, acho que sente saudades de Port Elizabeth”, diz ela, nervosa.

Johnnica passa o braço magro em torno de Delores para tranquilizá-la. De repente o rosto bonito lembra o da mãe. “Aqui há um calor especial”, diz, sorrindo. “Eu me sinto em família.” ■